



Hipólito José da Costa – fundador do primeiro jornal independente do país, em 1808 – estava exilado em Londres, de onde escrevia seu *Correio Braziliense*. Contra o governo imperial, contra a dominação da Metrópole, contra os monopólios, Hipólito era o visionário que servia como contraponto ao beija-mão dedicado à Coroa Portuguesa, então em terras brasileiras. Contam algumas versões da história que nem mesmo D. João sabia tinha conhecimento do jornal que circulava mensalmente. Até que o Embaixador Português em Londres, Domingos de Souza Coutinho, fez chegar ao Palácio alguns exemplares e a notícia da publicação. Nas palavras de Coutinho, “um papel que eu nunca desejaria que tivesse saído à luz do dia e que a perto de um ano que estou indeciso se eu devo mandar ou não”. Os versos da canção de Caetano, “Podres Poderes”, que lembram da distância que separaram o mundo da política da vida cotidiana dos cidadãos, tanto poderiam ser cantados no Brasil Colônia quanto hoje, a avaliar pela imagem que tem os políticos entre a população geral.

O fundador do *Correio Braziliense* já vivia prognósticos do que viria a ser a relação entre o poder e a imprensa no Brasil que sucedeu o Império. Aliás, foi em homenagem à Hipólito e ao *Correio Braziliense* que se adotou o 1o de junho como o Dia da Imprensa. Foi essa a efeméride que levou revista IMPRENSA a fazer um longo diagnóstico da opinião de jornalistas do Brasil todo sobre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, bem como da atuação do próprio jornalismo.

Entre os três poderes, o Legislativo é o

que foi pior avaliado pelos jornalistas pesquisados: recebeu reprovação da mais da metade de todos os jornalistas em todos os quesitos avaliados. Os resultados da pesquisa ainda apontam a segunda posição de melhor avaliado para o Judiciário e o Executivo tem o melhor desempenho frente aos demais poderes.

Legislativo é eleito o pior dos poderes

Parece coincidência – embora possa não ser – que a avaliação negativa dos jornalistas em relação ao Poder Legislativo seja contemporânea à eleição do deputado Severino Cavalcanti (PP-PE) à presidência da Câmara dos Deputados. Eleito à base da incompetência petista na articulação de um nome comum e com promessas de aumento de salário e benefícios aos colegas parlamentares, Cavalcanti foi o susto que jornalistas tomaram e a grande zebra política do ano. Entre todos os quesitos avaliados pela pesquisa, o “Eficiência no uso do dinheiro público” foi o pior avaliado, com 3% de notas 4 e 5 (que correspondem, na pesquisa, a “bom” e “excelente”, respectivamente). Isso significa que, entre 400 jornalistas, apenas 12 afirmaram que deputados federais e senadores tem zelo e cautela com o dinheiro dos contribuintes. Outro aspecto negativo da avaliação do Legislativo Federal é “Agilidade” e “Honestidade”, ambos com 4% do total. O item mais bem avaliado pelos jornalistas é o “Facilidade de Acesso”, com 43%. Segundo o relatório final do Instituto Franceschini, isso pode estar ligado a uma exposição na mídia desejada pelos parlamentares, que gostam de ter seu nome divulgado em reportagens.

Como foi feita a pesquisa

A pesquisa IMPRENSA/Maxpress/Aberje foi executada pelo instituto Franceschini Análise de Mercado por amostra aleatória a partir do cadastro de 16.713 jornalistas do mailing Maxpress. O universo pesquisado foi de jornalistas que têm algum envolvimento com a área de política e economia nacional, tanto de chefias como de outros cargos. A partir de um questionário uniformizado, os jornalistas foram consultados por telefone. A amostragem se compõe de 400 profissionais das redações entre os dias 5 e 11 de maio. O intervalo de confiança é de 95,5%, o que significa que caso fossem realizadas pesquisas com 100 amostras com o mesmo rigor técnico, em 95,5% delas o padrão de respostas seria o mesmo. A margem de erro é de 5%, para mais ou para menos.

